

Amarante nos Caminhos de Santiago

Daniel José Soares Ribeiro
Município de Amarante, Portugal

Amarante en los caminos de Santiago

Resumen: La posición geográfica de Amarante, en el norte de Portugal, es un enclave entre la costa del Miño y el interior transmontano, factor determinante para el paso de muchos viajeros, entre ellos comerciantes y peregrinos.

Este constante flujo de personas y mercancías impulsó el poblamiento de Amarante, la reconstrucción de un antiguo puente sobre el Tâmega y el asentamiento de un ermitaño dominico que murió con fama de santidad, san Gonzalo de Amarante.

Debido a su frecuente tránsito se establecieron dos albergues que, junto con otros elementos culturales, dotaron a Amarante de unas características culturales muy singulares, entre ellas su hospitalidad.

Palabras clave: Amarante, vías, Caminho de Torres, san Gonzalo, cultura jacobea.

Amarante on the Roads to Santiago

Abstract: The geographic position of Amarante, in North of Portugal, it is in an enclave between the Minho's Coast and the mountains of Trás-os-Montes, it will would be a determinant condition to pass a lot of travelers, among them merchants and pilgrims.

This constant affluence of people and assets boosted the settlement of Amarante; the reconstruction of an ancient bridge over the River Tâmega; and the fixation of a Dominican hermit, who has deceased in grace, Saint Gonzalo of Amarante.

By being a place with a lot of movement, in Amarante settled down, two hostels that associated with others cultural elements, gave to Amarante cultural characteristics very specifics, such has hospitality.

Keywords: Amarante, routes, Torres's Way, Saint Gonzalo, the culture of Saint James ways.

Amarante nos camiños de Santiago

Resumo: A posición xeográfica de Amarante, no norte de Portugal, é un enclave entre a costa do Miño e o interior transmontano, factor determinante para o paso de moitos viaxeiros, entre eles comerciantes e peregrinos.

Este constante fluxo de persoas e mercadorías impulsou o poboamento de Amarante, a reconstrución dunha antiga ponte sobre o Tâmega e o asentamento dun eremita dominico que morreu con fama de santidad, san Gonzalo de Amarante.

Por mor do seu frecuente tránsito establecéronse dous albergues que, xunto con outros elementos culturais, dotaron a Amarante dunhas características culturais moi singulares, entre elas a súa hospitalidade.

Palabras clave: Amarante, vías, Caminho de Torres, san Gonzalo, cultura xacobeá.

1. Amarante no Contexto Geopolítico Peninsular Medieval

Aquando da descoberta do túmulo do Apóstolo São Tiago, o Reino das Astúrias era um território algo difuso que entre avanços e recuos, abrangia pouco mais do que a linha do rio Douro. Somente com a tomada definitiva de Coimbra, em 1064, e da Linha do Mondego, a região vive alguma estabilidade que viria a permitir o florescimento de alguns núcleos urbanos a Norte da Marca do Douro, entre eles, Amarante.

Localizada no vale do Tâmega, em zona charneira do Entre-Douro-e-Minho com Trás-os-Montes e Alto Douro, o núcleo urbano que então desponta vai florescendo e evidenciando no contexto regional, enquanto entreposto comercial, social e religioso¹.

Para este desenvolvimento em muito contribuiu a sua posição geográfica, em local de passagem de duas importantes rotas no Norte de Portugal, uma que das Beiras e atravessando o rio Douro se dirige por Amarante em direção ao Minho; e outra que do Litoral Norte segue para o Alto Douro e Trás-os-Montes².

A estas rotas pode-se, ainda, acrescentar uma terceira via que de Chaves e passando pelas Terras de Basto e Amarante se dirigia ao Vale do Douro³ (Fig. 1).

Do ponto de vista documental as primeiras referências à povoação de Amarante, podem encontrar-se num testamento de Bona Gonçalves, lavrado no ano de 1113 (da era cristã) onde é mencionada uma igreja dedicada a Santa Maria, próxima de umas propriedades agrícolas⁴. Segundo os depoimentos prestados nas inquirições de 1343, realizadas por D. Afonso IV à Ordem dos Cavaleiros de São João do Hospital, a Vila

1 Ribeiro, D. J. S., "Amarante na Idade Média: Povoamento e Desenvolvimento Económico-social", *Arqueologia Medieval*, n.º 14 (2018), Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 57-59, (p. 57).

2 Ribeiro, D. J. S., "Amarante no Contexto da Via do Marão na Época Romana", en *Atas do I Colóquio Viário do Marão – Povoamento e Vias de Comunicação ao Longo da História*, vol. I, Vila Real, 2021, pp. 113-129, (p. 121).

3 Alarcão, J. de, *A Lusitânia e a Galécia, Do Séc. II A. C. ao Séc. VI D. C.*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 238.

4 Cardoso, A., *S. Gonzalo de Amarante, Lenda e História, o seu Culto, Iconografia Amarantina, Exposição Bibliográfica*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 1978, p. 12.

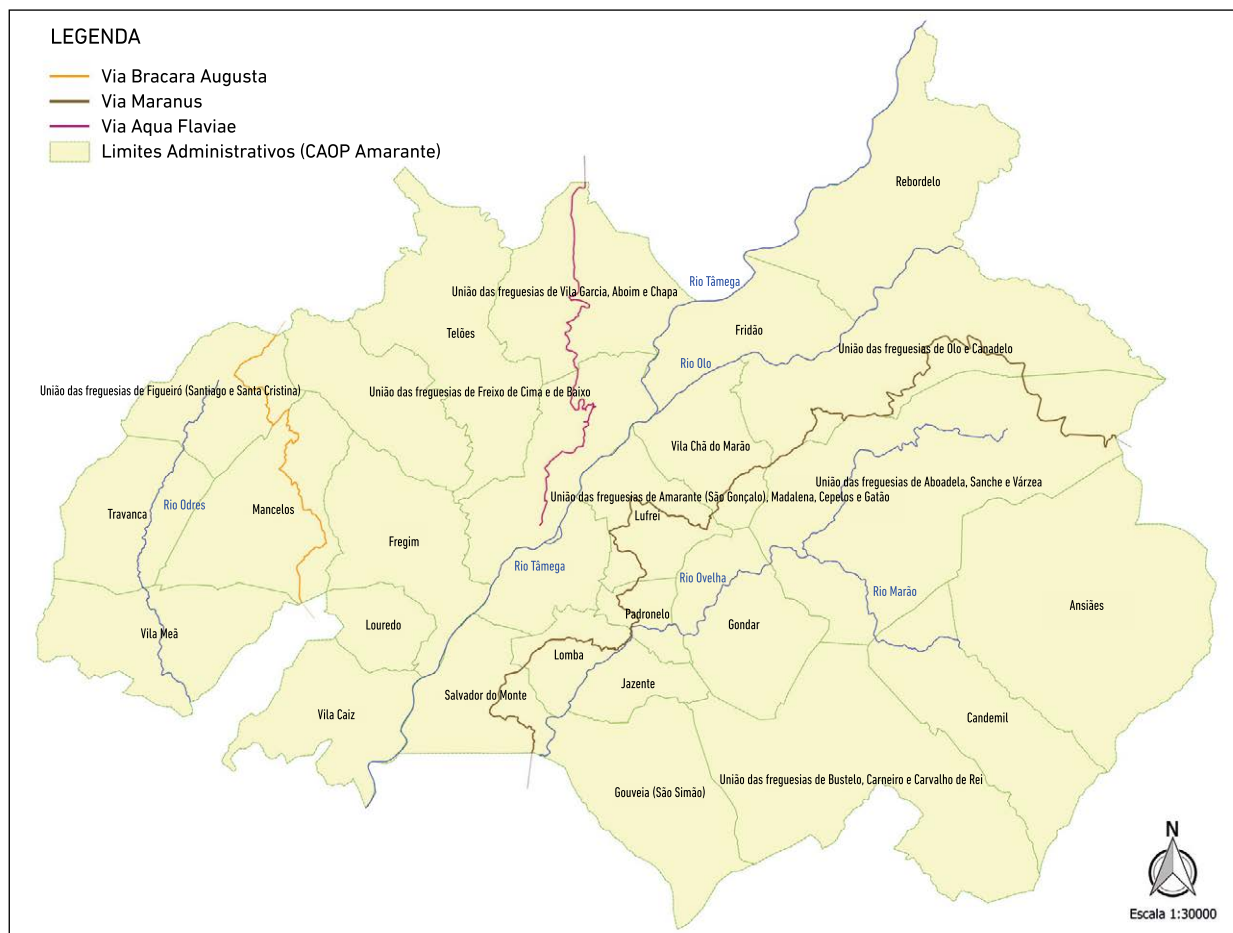


Fig. 1: Os principais eixos viários na Época Romana no atual Concelho de Amarante (foto: Câmara Municipal de Amarante).

de Amarante terá resultado de uma política de fomento à fixação de população, levada a efeito pelos Senhores de Amarante, D. Vasco Fernandes de Soverosa e D. Teresa Gonçalves de Sousa⁵, no decurso da primeira metade do séc. XII. E na referida política, D. Vasco e D. Teresa conferiam proteção aos moradores de Amarante em troca de um morabitino por casa. Esta iniciativa tinha subjacente a preocupação de por termo à insegurança que os viajantes sentiam ao passarem nos domínios destes senhores, motivada pelos assaltos frequentes que aqui sucediam⁶.

5 Ribeiro, D., “Amarante na Idade Média: Povoamento...”, *op. cit.*, p. 58.

6 «Ouvira dizer a João Martins Pelliteiro da Marante, que o dito Vasco Martins padre das sobreditas dera a povoar o dito logo da Marante a casarias que aqueles povoadores lhe diziom que os que vinhaõ por o caminho lhe filhavom o seu, e lhes faziam muito mal, e que o dito Vasco Martins (diga-se D. Vasco Fernandes de Soverosa) lhe dissiera que o povorassem que elle fara que lhes nom fizesse nenhum mal, e que des hi adiante que povoravom o dito logo da Marante, e que davom de cada casa maravidi». Saraiva, J. M. da C., *Livro dos Forais, Escrituras, Doações, Privilégios e Inquirições*, volume I, Lisboa, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, 1946, p. 250.

Este incentivo ao povoamento de Amarante terá sido bem-sucedido e os seus efeitos fazem-se sentir, ao longo de toda a Baixa Idade Média, como parecem comprovar as Inquirições de 1220 de D. Afonso II, nas quais a então Vila de Amarante era constituída por duas paróquias, Santa Maria Maior da Vila de Amarante e São Veríssimo da Vila de Amarante integradas no Julgado da Vila de Basto⁷. Sabe-se ainda que em Santa Maria a Ordem do Hospital recebia 87 morabitinos e que em São Veríssimo possuía 8 casais. Nesta freguesia, existia mais 1 casal que pertencia ao Mosteiro de Vila Cova⁸.

Anos mais tarde, em 1258 nas inquirições de D. Afonso III, Amarante com 124 casais contabilizados⁹, surge como detentora de julgado próprio. À luz destes documentos, sabe-se ainda que a vila pertencia aos cavaleiros da Ordem do Hospital e aos descendentes de D. Elvira Vasques de Soverosa¹⁰.

No séc. XIV, segundo as inquirições de 1343, já existem em Amarante 164 casais. Destes 142, pertencem à Ordem do Hospital e 42 aos cavaleiros¹¹.

Com base nestas inquirições verifica-se que o número de casais, e por conseguinte, o número de habitantes vai aumentando progressivamente.

Tendo por referência os dados obtidos, constata-se ainda que esta localidade vai ganhando notoriedade ao longo da Baixa Idade Média, tornando-se um polo aglutinador de comerciantes e artífices. A título de exemplo, nas inquirições de 1343 constata-se que dos 21 inquiridos, 14 são naturais de outras localidades da região e, no início das suas vidas ativas, sentiram a necessidade de se instalar em Amarante.

Em 1391, a então Vila de Amarante, pela sua posição geográfica e importância económica no contexto regional, seria agraciada com a instituição de uma feira franca que gozava de direitos semelhantes aos da de Trancoso¹².

2. A(s) Ponte(s) de Amarante

Outro aspeto crucial para o desenvolvimento de Amarante e elemento comprovativo da sua vocação viária, foi a construção e posterior reconstrução de uma ponte sobre o Tâmega (Fig. 2).

De acordo com algumas fontes documentais, nomeadamente textos relativos à descrição dos limites da Arquidiocese de Braga, a Ponte de Amarante seria uma realidade no séc. VI e remeteria para uma fundação romana¹³. No entanto, a crer na memória local,

7 Machado, A. de S., *Amarante Medieval*, Amarante, Edição do Autor, 1979, p. 20.

8 Ribeiro, D., "Amarante na Idade Média: Povoamento..." *op. cit.*, p. 59.

9 *Ibidem*, p. 59.

10 Machado, A. de S., *Amarante Medieval...*, *op. cit.*, p. 19.

11 *Ibidem*, p. 24.

12 Costa, P. M. de C. P. da, "Os Hospitalários em Terras de Amarante (Séc. XIII – XVI)", em *Atas do II Congresso Histórico de Amarante, Política, Sociedade e Cultura*, tomo III, volume I, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2009, pp. 241-242.

13 Ribeiro, D., "Amarante na Idade Média: Povoamento..." *op. cit.*, p. 60.

estaria em avançado estado de ruína em meados do séc. XIII e um frade pregador decide a sua reconstrução, restabelecendo assim, uma travessia segura sobre o rio Tâmega¹⁴. Aspeto que seria crucial para o desenvolvimento urbano de Amarante, enquanto ponto de passagem quase obrigatório do Litoral Duriense e Minhoto para o Interior Transmontano, bem como das Beiras para o Minho.

Ao frade dominicano, de seu nome Gonçalo, o povo e a Igreja Católica reservariam o acesso aos altares, facto que não é único para a hagiologia e, tal como São Gonçalo de Amarante, conhecem-se outros santos que pelas suas ações e empenho na reconstrução de pontes e vias, alcançariam a santidade e a devoção popular. A título de exemplo, São Domingos da Calçada, São João de Ortega; São Pedro Telmo; São Raimundo Gayrard e São Bénézet¹⁵.

A reconstrução da Ponte de Amarante, bem como o túmulo de São Gonçalo, localizado numa pequena ermida junto ao Tâmega acabariam por gerar uma nova centralidade na povoação de Amarante e gradualmente a sua malha urbana se estenderá em direção à ponte.

Atendendo à geomorfologia do local, nenhuma razão havia para a existência de um núcleo urbano numa íngreme encosta de pendente acentuada. Além do mais, neste sítio, o rio apresenta-se com margens altas, rochosas e apertadas que provocam o estrangulamento do seu leito e contribuem para o aumento da turbulência das águas, tornando a travessia ainda mais difícil¹⁶.

Contudo, este foi o local escolhido para a construção da primitiva ponte, uma vez que margens estreitas, rochosas e de maior elevação topográfica, constituem as condições ideais para a sua edificação, por tornar a obra menos dispendiosa, mais curta, sólida e de maior facilidade construtiva¹⁷.



Fig. 2: Gravura de São Gonçalo de Amarante sobre a Ponte de Amarante publicada na *História das Vidas e Feitos Heroicos e Obras Insignes dos Santos* de Frei Diogo do Rosário. 1567 (foto: Retirado da obra supracitada de Frei Diogo de Rosário).

14 Ribeiro, D. J. S., *Mosteiro de Santa Clara de Amarante: História, Património e Museologia*, Amarante, Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, 2011, p. 103.

15 Cunha, A. de M. R. da, *S. Gonçalo de Amarante, Um Vulto e Um Culto*, Vila Nova de Gaia, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1996, p. 71.

16 Machado, A., *Amarante Medieval...*, op. cit., p. 60.

17 Idem.

3. As Albergarias

No atual termo da cidade de Amarante, instituíram-se na Idade Média duas albergarias para apoio e acolhimento de peregrinos, a Albergaria do Covelo do Tâmega, na margem esquerda do rio, no antigo concelho de Gouveia de Riba-Tâmega, e a Albergaria de Amarante, na margem direita.

Segundo a memória local, a Albergaria do Covelo do Tâmega terá sido fundada por D. Mafalda de Saboia (1125(?) – 1158) e localizava-se na Rua do Covelo (atual 31 de janeiro), não muito afastada da ponte.

Esta casa terá sido instituída na mesma altura que a sua congénere de Canaveses e integrava no plano assistencial da consorte de D. Afonso Henriques que, no Entre-Douro-e-Tâmega, se dedica à fundação de albergarias, à construção de pontes e ao incentivo à implementação de barcas no rio Douro¹⁸.

Esta albergaria poderá ter tido ao seu serviço uma comunidade de beguinhas, também conhecidas por madalenas, instaladas na Igreja de Santa Maria Madalena do Covelo, sufragânea do Mosteiro de Lufrei¹⁹.

Em 1614, ano em que transita da administração da Câmara de Gouveia de Riba-Tâmega para a da Misericórdia de Amarante, a velha albergaria já não cumpria com dignidade os seus desígnios, recebendo anualmente 20 000 réis e possuía apenas: duas cobertas velhas, uma manta rota, quatro panos velhos e três leitos muito velhos²⁰.

Em 1827, recebia um rendimento anual de 50 000 réis e tinha de encargos com pobres, mendigos e com a manutenção do edifício, 110 000 réis, ou seja, a Albergaria do Covelo acumulava anualmente um défice de 60 000 réis à Misericórdia de Amarante.

Com a entrada em funcionamento do novo Hospital da Misericórdia, a velha albergaria é desafeta das suas funções primitivas e converte-se na Casa de Audiências do Concelho de Gouveia de Riba-Tâmega. Posteriormente viria a ser alienada e absorvida por outras construções destinadas a habitação e a instalações comerciais.

Em 1933, aquando das demolições realizadas na Rua 31 de Janeiro foram postas a descoberto as ruínas da albergaria medieval, no entanto, esta vira a padecer da mesma sorte. No local, e provavelmente no muro de suporte do seu antigo pátio, foi colocado um pequeno memorial, constituído por uma janela neoárabe de duas ventanas entaipadas, contendo a seguinte inscrição: «SÉCULO XII/ LOCAL ONDE/ EXISTIU A/ ALBERGARIA/ DE/ AMARANTE (primeira ventana) ANO DE 1934/ RESTAURA/ÇÃO/ DA/ FONTE» (segunda ventana).

Posteriormente o memorial também seria desmantelado.

18 Benevides, F. da F, *Rainhas de Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009 (ed. Policopiada), p. 101.

19 Ribeiro, D. J. S., "A Albergaria do Covelo do Tâmega no Contexto das Peregrinações a Santiago de Compostela Durante a Idade Média", *Testemunhos*, n.º 2 (2010), Amarante, Círculo Lago Cerqueira, p. 36.

20 Lopes, M. J. Q., *Misericórdia de Amarante Contribuição para o seu Estudo*, Amarante, Santa Casa da Misericórdia de Amarante, 2005, p. 53.

Pela descrição realizada em 1933 por José de Pinho, a albergaria em alvenaria insossa de 2 panos e com uma área de 131 m² era precedida de um pátio murado com cerca de 328 m², sobre o qual se encontrava incrustado, num nicho, um fontanário de utilização pública, mas de serviço à instituição. O acesso ao edifício fazia-se por lanço de escadas. A fachada desenvolvia-se ao longo da rua, a uma cota superior à atual, a cerca de 2 metros. Nesta não eram visíveis aberturas para fenestração. Rematava o edificado uma cornija chanfrada assente sobre um renque de modilhões lisos, exceto 3 ou 4 que apresentavam uma pequena cavidade circular. A cerca de 2/3 de altura, tinha 2 cachorros com o respetivo entalhe superior que denunciavam a existência de uma desaparecida alpendrada. Sabe-se ainda que a fachada oeste apresentava janela chanfrada. Não era possível determinar se tinha 1 ou de 2 pisos²¹. No interior, para além das dependências destinadas à hospitalidade e à assistência, existia um oratório ou uma pequena capela, situada junto à Casa da Câmara de Gouveia de Riba-Tâmega²².

Por sua vez, a Albergaria de Amarante localizava-se à saída da vila, na desembocadura das antigas estradas do Porto (atual Rua da Ponte Seca) e de Guimarães (Rua de Guimarães) e já estaria em pleno funcionamento no ano de 1192²³, uma vez que nesse ano os filhos de D. Gonçalo Mendes de Sousa, o Sousão, fazem a doação da albergaria juntamente com uma igreja anexa, a D. Toda Soares em agradecimento à oferta que esta fizera de um casal e de mouro para serviço da instituição²⁴.

No séc. XVI, com a construção do Hospital da Misericórdia, em local próximo, a antiga albergaria é desafeta das suas funções e em 1650, encontrava-se em avançado estado de degradação. Sabe-se ainda que as suas ruínas eram, à data, designadas de pardieiros e pertenciam ao boticário Simão Ribeiro, casado com Helena da Costa, foreira do Morgado de Balsemão²⁵.

Algum tempo depois, o edifício seria recuperado e convertido numa residência unifamiliar como confirma uma notícia de 1903²⁶ que menciona ainda o aparecimento de vestígios osteológicos humanos, aquando dos desaterros efetuados aos espaços adjacentes à casa, entretanto demolida, denunciando a existência de uma necrópole²⁷ como é comum em edifícios similares.

21 Pinho, J. de, "Materiais para o Estudo do Povo Amarantino, A Albergaria do Covelo do Tâmega", *Flôr do Tâmega*, n.º 2 443 (29 de outubro 1933), ano 47, Amarante, p. 1.

22 Craesbeeck, F. X. da S., *Memórias Ressuscitadas da Província de entre Douro e Minho, no ano de 1726*, vol. I, Ponte de Lima, Edições Carvalhos de Basto (fac-simile), 1992, p. 67.

23 A.N.T.T – Pendurada, XII, 22.

24 Machado, A., *Amarante Medieval...*, op. cit., p. 13.

25 Silveira, J. A. da S. e L. e Queirós, M. J., *Misericórdia de Amarante Contribuição para o seu Estudo*, Amarante, Santa Casa da Misericórdia de Amarante, 2009, p. 41.

26 «No desaterro que se fez no terreno da velha casa da Anna da Barroca, apareceram alguns ossos incompletos, crâneo escavacado e outros, de ser humano. Aquella casa serviu há mais de seculo de hospedaria de passagem pela Barroca da Ordem para a velha rua de Guimarães e rua do Porto», em *Flor do Tâmega* de 30 de setembro de 1903, p. 3.

27 Monteiro, A. A. M. G. e Teixeira, F., *Amarante Passado e Presente*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2016, p. 102.

Apesar das duas albergarias em causa serem de pequena dimensão e não conseguirem acudir a todas as situações, importa salientar a necessidade de se terem instituído, em datas aproximadas, e não muito distantes uma da outra, duas casas para apoio a peregrinos, doentes, órfãos, viúvas e idosos. Pode-se ainda depreender que estas albergarias terão sido instituídas em data anterior às políticas de povoamento de D. Vasco Fernandes e comprovam a intensa passagem de pessoas e bens em tempos anteriores à hipotética reedificação da Ponte de Amarante.

4. A Figura e a Devoção a São Gonçalo de Amarante

Segundo a memória local²⁸, em meados do séc. XII instala-se nas imediações de Amarante, um eremita chamado Gonçalo que pelas suas ações, provocou mutações significativas ao nível do urbanismo, da cultura e da espiritualidade.

Gonçalo de Amarante terá sido um varão pertencente à nobre família dos Pereiras que nasceu no Paço de Arriconha, Freguesia do Divino Salvador de Tagilde – Vizela, por volta de 1187²⁹.

Desde a mais tenra idade fora educado nos bons princípios cristãos que lhe seriam intrínsecos. Quando atingiu a mocidade, terá sido encaminhado para uma carreira eclesiástica, estudando as primeiras letras no Mosteiro Beneditino de Santa Maria de Pombeiro de Ribavizela e daí prosseguiu os estudos no Paço Arcebispal de Braga, onde viria a ser ordenado sacerdote³⁰.

Enquanto sacerdote, ter-lhe-á sido entregue a Paróquia de São Paio de Vizela³¹ e algum tempo depois, acabaria por ingressar na Colegiada dos Cónegos de Santa Maria da Oliveira em Guimarães³². Não satisfeito com a vida paroquial que levava e ardendo no desejo de conhecer e de percorrer os lugares santos do Cristianismo, decide encetar uma peregrinação a Roma para visitar os túmulos dos Apóstolos Pedro e Paulo e daí terá partido para a Palestina para conhecer os locais percorridos e vividos por Jesus Cristo³³.

28 Apesar da hagiografia do beato Gonçalo de Amarante ser imprecisa e envolta em lendas, não se pode negar a amplitude da sua devoção. A sua primeira hagiografia seria apenas publicada em 1513, por iniciativa de Frei Diogo do Rosário em *Flos Santorum*. Sobre este assunto ver: Cunha, A. de M. R. da, *S. Gonçalo de Amarante, Um Vulto e Um Culto*, Vila Nova de Gaia, Portugal, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1996, pp. 15-29.

29 Machado, A., *Amarante Medieval...*, op. cit., p. 22.

30 Sousa, I. C. de, "A Infância de S. Gonçalo de Amarante", *Entremuros*, 1 (1990), Amarante, Grupo dos Amigos da Biblioteca Museu Municipal de Amarante, p. 54.

31 Cunha, A. de M. R. da, *S. Gonçalo de Amarante, Um Vulto e...*, op. cit., pp. 49-50.

32 Cunha, A. de M. R. da, "S. Gonçalo de Amarante, Cónego da Colegiada de Guimarães?", em *Atas do I Congresso Histórico de Guimarães*, vol. V, *Sociedade, Administração, Cultura e Igreja em Portugal no Séc. XII*, Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, 1996, pp. 185-186.

33 *Ibidem*, pp. 55-56.

Ao fim de catorze anos de peregrinação, Gonçalo terá regressado à sua paróquia de São Paio de Vizela que, durante a sua ausência, fora confiada a um sobrinho o qual, por não ter cumprido as recomendações do tio, o expulsou de casa e da paróquia³⁴.

Desiludido com a vida opulenta e faustosa do seu substituto e deparando-se com o desrespeito aos ensinamentos e à humildade cristã, terá decidido abandonar a vida paroquial e encetou por um *modus vivendi* mais contemplativo, eremítico e evangelizador. Embevecido neste espírito, toma o hábito da Ordem de São Domingos que se encontra presente em Guimarães desde 1221³⁵.

Com esta nova forma de vida chegou ao vale do Tâmega e deparando-se com uma ermida arruinada dedicada a Santa Maria (Nossa Senhora da Assunção)³⁶, localizada num ermo junto ao rio e nas imediações de uma ponte devoluta³⁷, aí se instalou e logo tratou de a recuperar para dela fazer a sua morada e o seu púlpito.

Esta opção de Frei Gonçalo que aqui procurou estabelecer o seu eremitério, vai ao encontro da prática comum dos anacoretas que, por norma, se estabelecem em locais isolados, mas próximos às principais vias de comunicação, neste caso, junto ao cruzamento das vias que do Porto conectam com Trás-os-Montes e das Beiras com o Minho. Esta localização tem ainda em comum, o facto de se estar nas imediações de um aglomerado urbano em franco crescimento e, mais uma vez, em consonância com a prática recorrente dos eremitas que não procuram a solidão absoluta³⁸.

Calcorreando as povoações circunvizinhas, Frei Gonçalo, acompanhado por um irmão espiritual, Frei Lourenço Mendes³⁹, evangeliza e abençoa uniões matrimoniais, apoia e protege os mais desfavorecidos e realiza alguns prodígios⁴⁰ que lhe vão conferindo notoriedade.

Por volta de 1250, no decurso das suas ações pastorais, ter-se-á deparado com as dificuldades e com o perigo que os seus fiéis corriam para atravessar o rio, principalmente, nas alturas em que este se apresentava mais caudaloso e, na falta de alternativas, decide empreender ele próprio o restauro ou a reedificação da velha ponte romana⁴¹. Para a sua reconstrução terá contado com a participação de todos, desde os mais abastados que contribuiram com alguns numerários e matérias-primas, até aos mais pobres que com o seu esforço executaram a obra. Consta que o arquiteto fora o próprio santo. A ponte medieval haveria de perdurar até ao dia 10

34 Sousa, F. L. de, *História de São Domingos*, vol. 2, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977, pp. 168-169.

35 *Ibidem*, pp. 171-172.

36 Cardoso, A., *S. Gonçalo de Amarante, Lenda e História, o seu Culto, Iconografia Amarantina, Exposição Bibliográfica*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 1978, p. 12.

37 *Ibidem*, p. 173.

38 Mattoso, J., *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997, pp. 121-122.

39 Cunha, A., *S. Gonçalo de Amarante, Um Vulto e...*, *op. cit.*, p. 70.

40 Sousa, F. L. de, *História de São...*, *op. cit.*, pp. 168-179.

41 *Ibidem*, pp. 172-174.

de fevereiro de 1762⁴², altura em que sucumbe face à turbulência das águas do Tâmega, no decurso de uma cheia, desmoronando-se por completo⁴³.

Após a construção da ponte e do restabelecimento do tráfego, o frade dominicano continuou com a sua vida de pregador até ao dia da sua morte, alegadamente ocorrida a 10 de janeiro de 1259.

A partir de então, muitos foram aqueles que acorreram ao seu túmulo, instalado na mesma ermida onde residiu para junto dos seus restos mortais, pedirem ou agradecerem a sua intercessão.

A própria devoção a São Gonçalo de Amarante, como agora era designado, rapidamente se difunde pelo Norte de Portugal, em especial ao longo das principais vias de comunicação e como tal, frequentadas por peregrinos de Santiago.

Constata-se ainda que a vetusta Ermida de Santa Maria passa à invocação de São Gonçalo, passados cerca de 20 anos⁴⁴ após sua morte, que se repetem nos anos seguintes, designadamente em 1338⁴⁵, 1425⁴⁶, 1456⁴⁷, 1457⁴⁸ e 1458⁴⁹, todas elas em documentos pertencentes ou relacionados com a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães que, de igual modo, terá contribuído para a difusão da devoção ao beato de Amarante⁵⁰ (Fig. 3).

No séc. XIV, este viria a ser também o local escolhido para o juramento dos juizes eleitos da Vila de Amarante, ato que tinha lugar em dia de São João Baptista (24 de junho)⁵¹ e que demonstra o estatuto privilegiado da ermida em detrimento de outras igrejas locais⁵².

A associação de um local de muita passagem, à hagiografia do santo (um peregrino de Roma e de Jerusalém), e o seu empenho no restabelecimento da travessia sobre o Tâmega, terão provocado o rápido alastramento da devoção gonçalina pelo território nacional. Múltiplos são os exemplos do seu culto, junto a vias (percorridas por peregrinos de Santiago) em nichos, altares, capelas e até igrejas⁵³.

42 Aires, A., *Barcos do Tâmega – Amarante*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2021, p. 234.

43 Sardoeira, A., *A Antiga Ponte Fortificada de Amarante, Referências a Outras Pontes*, Amarante, Grupo dos Amigos da Biblioteca-Museu de Amarante, 1994, p. 8.

44 Como comprova o testamento de *Maria Johannis* com a data de 18 de maio de 1279. ANTT (Arquivo Nacional Torre do Tombo - Colegiada de Guimarães, Particulares, Manuscrito 12, n.º 30).

45 AMAPG (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta – Guimarães - doc. n.º 219 – Testamentos e doações ao cabido, treslados de 1220 (1182) a 1786, vol. II, pp. 214v-216).

46 AMAPG – Colegiada de Guimarães – Pergaminho CCXXVI.

47 AMAPG – Cartulário Padroados da Colegiada de Guimarães, fl. 40.

48 AMAPG – *Ibidem*, vol. 2, doc. 120, p. 200v.

49 AMAPG – *Ibidem*, fl. 48-50.

50 Cunha, A., *S. Gonçalo de Amarante, Um vulto...*, op. cit., pp. 22-24.

51 «Item Pedro Salvado (...) o juiz dos cavalleiros jurava na Igreja de São Gonçalo da Marante». Saraiva, J., *Livro dos Forais, Escrituras...*, op. cit., pp. 285-286.

52 Ribeiro, D. J. S., “Para uma História do Convento de São Gonçalo de Amarante”, *Oppidum*, ano 16, n.º 14 (2022), Lousada, Portugal, Câmara Municipal de Lousada, pp. 189-190.

53 Cunha, A., *S. Gonçalo de Amarante, Um vulto...*, op. cit., p. 151.



Fig. 3: O Convento de São Gonçalo, construído sobre a antiga Ermida de Santa Maria (foto: Câmara Municipal de Amarante).

5. Amarante e os Caminhos para Santiago de Compostela

No Norte de Portugal, Amarante ocupa uma posição geográfica central e deveras estratégica que ao longo da História, mas sobretudo a partir da instituição do Condado Portucalense (1096), foi determinante para o estabelecimento e robustecimento do seu aglomerado urbano.

Como acima se constatou, no território do atual concelho de Amarante, desenvolveu-se um importante eixo viário que, associado a locais de veneração e à hospitalidade, permitiu a identificação e a definição de algumas rotas para Compostela. Entre elas, o Itinerário Romano, pela via de *Tongobriga* (Freixo – Marco de Canaveses) – *Bracara Augusta* (Braga); o Itinerário Mafaldiano num percurso marcado pela memória e pela ação da primeira rainha de Portugal, D. Mafalda de Saboia; e o Itinerário de Torres, um percurso realizado em 1737 por Diego de Torres Villarroel.

5.1. Itinerário Romano:

O Itinerário Romano corresponde à antiga via que de *Tongobriga* se dirigia à capital da Galécia, *Bracara Augusta* (atual Braga) pela Via XIX, em direção a *Astúrica Augusta* (atual Astorga).

A partir de *Tongobriga* a rota passa por Tuias, atravessa o rio Tâmega e daí prossegue por Canaveses, Constance, Póvoa e pelo vale do Odres, Banho e Carvalhosa. De Banho e Carvalhosa, passando por Torre, Carreira Chã, Pimpinela e alcança o Castro de Banho. Deste castro, por Pidre e Figueiró – Santiago, prossegue em direção à Lixa. Da Lixa e por Refoutoura, Estrada, Vila Fria, Vizela e São Martinho de Sande chega-se à cidade de Braga⁵⁴.

5.2. Itinerário Mafaldiano:

Assim designado em memória e homenagem a D. Mafalda de Saboia, esposa de D. Afonso Henriques e rainha consorte de Portugal.

No decurso do seu curto reinado, D. Mafalda teve especial atenção para com os viajantes/ peregrinos, pelos cuidados e atenção às vias de comunicação; às casas de assistência; e às travessias de rios. Consta que a soberana terá estabelecido duas barcas entre Moledo (Lamego) e Porto de Rei (Peso da Régua) no rio Douro. Nas margens do rio edifica uma albergaria, a Albergaria de Moledo, e em Mesão Frio fora ainda a responsável pela construção da desaparecida Ponte de Barqueiros.

Na antiga vila de Canaveses ordena a construção da Ponte de Canaveses e, nas suas imediações, junto ao seu paço, institui uma albergaria, a Albergaria de Canaveses, dotando-a de algumas rendas para custear os encargos de funcionamento que os seus sucessores mantiveram e confirmaram, particularmente D. Dinis, D. Afonso IV e D. Pedro I⁵⁵.

Embora as barcas e as pontes fossem taxadas, a travessia para pessoas sem mercadorias era isenta e se, porventura, o barqueiro exigisse qualquer tipo de pagamento, incorria numa coima ou mesmo em pena de prisão.

Atendendo às comodidades criadas por D. Mafalda esta rota foi, ao longo da Idade Média, usada com frequência por peregrinos que das Beiras se dirigiam à Catedral de Santiago.

Da Beira Alta, os peregrinos podiam atravessar o rio Douro em Moledo, Porto de Rei, Vimieiro⁵⁶ ou na Ponte de Barqueiros e, das margens do Douro, seguiriam em direção a Santa Marinha do Zêzere, Cedofeita, Vilamonim, Gove, Mesquinhata, Castro, Soalhães, Tabuado, Folhada e Ponte do Arco. Da Ponte do Arco, prosseguiram em direção a Légua e Portela, depois passavam junto ao Castro de São Salvador do

54 Dias, L. T., *Tongobriga*, Lisboa, Portugal, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997, pp. 319-322.

55 Figanière, F. F., *Memórias das Rainhas de Portugal*, Lisboa, Typographia Universal, 1859, p. 51.

56 Monteiro, E., "Amarante/Canaveses – Caminhos de Santiago", em *Actas do I Congresso Histórico de Amarante, Igreja e Espiritualidade*, vol. II, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 177.

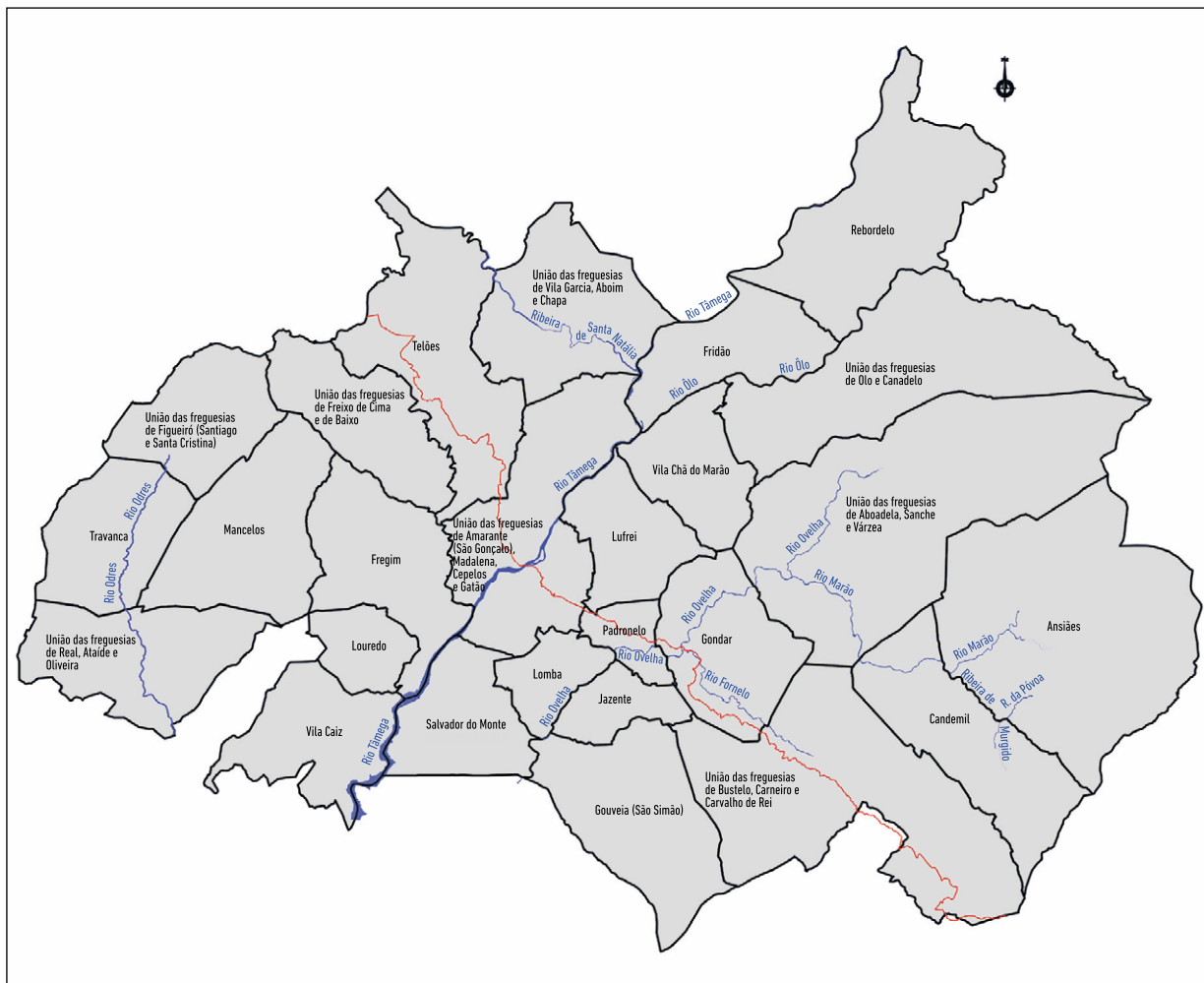


Fig. 4. O Itinerário de Torres no Concelho de Amarante (foto: Câmara Municipal de Amarante).

Monte, Campezinhas e Estrada⁵⁷, desciam a Padronelo e desta localidade chegavam a Amarante, pela Rua do Covelo (atual 31 de Janeiro) alcançavam a *Ponte d'Amarante*, onde transpunham o rio Tâmega.

A partir da margem direita, o percurso seguiria o traçado do Caminho de Torres que abaixo se descreve.

5.3. Itinerário de Torres:

A designação Caminho de Torres está relacionada com a peregrinação realizada por Diego de Torres Villarroel, professor catedrático em Matemática da Universidade de

57 Dias, L. T., *Tongobriga*, *op. cit.*, pp. 320-322.

Salamanca, realizada em 1737, e foi atribuída pela primeira vez, em 2009 por Luis Antonio Miguel Quintales e María Soledad Beato Gutiérrez⁵⁸, aquando do reconhecimento efetuado uns anos antes (Fig. 4).

Embora corresponda a um percurso realizado no séc. XVIII, época em que as peregrinações a Santiago de Compostela, já não se faziam sentir com tanta intensidade, foi este o primeiro itinerário sinalizado pelo Município de Amarante⁵⁹.

Em 2016, por iniciativa das comunidades intermunicipais do Alto Minho, Ave, Cávado, Douro e Tâmega e Sousa, efetuou-se uma candidatura conjunta a um programa europeu que visava a valorização cultural e turística do Caminho de Torres, num total de 234 km, desde a Ponte do Abade em Sernancelhe à Ponte Internacional sobre o rio Minho em Valença.

No âmbito do programa foi possível realizar um estudo de diagnóstico do itinerário; identificar oportunidades de qualificação paisagística e patrimonial; e a implementação de sinalética apropriada. Todas as operações do programa foram executadas em estrita colaboração com os municípios e com as associações locais⁶⁰.

Com início em Salamanca, o Caminho de Torres dirige-se para Portugal, passando por Robliza de Cojos, San Muñoz, Alba de Yeltes, Cuidad Rodrigo, Gallegos de Argañán e Almeida. A partir de Almeida, no sentido sudeste/noroeste, pela Beira Alta, alcança a região do Douro, atravessa o rio em Peso da Régua e daí, por Mesão Frio, chega a Amarante.

No concelho de Amarante, o percurso segue a antiga Estrada da Companhia do Alto Douro (vulgo estrada pombalina)⁶¹ e passa pelas povoações de Estalagem, Reboreda, Matias, Corujeiras, Ovelhinha, Larim e Padronelo. A partir de Padronelo o peregrino inicia a sua descida até à cidade de Amarante.

A entrada na cidade faz-se pela Rua dos Pauzinhos que conflui para o Largo Conselheiro António Cândido (Arquinho), onde se localizava a Albergaria do Coveiro do Tâmega e pela atual Rua 31 de Janeiro, antiga do Coveiro, chega-se à Ponte de São Gonçalo, atravessando a ponte, o Convento de São Gonçalo, um dos *ex-libris* da devoção gonçalina e jacobea do itinerário.

Da Igreja de São Gonçalo, o peregrino continua pelas Ruas 5 de Outubro, Teixeira de Vasconcelos, Miguel Bombarda, Miguel Pinto Martins, Seixedo, Carlos Amarante e Rua de Guimarães, onde finda o Centro Histórico de Amarante.

58 Quintales, L. e Gutiérrez, M. S., "Camino Torres", 2024, <https://www.caminotorres.com/index.html> (acedido em maio, 12, 2025, às 17:07 H).

59 A sinalização do Caminho de Santiago em Amarante ficou concluída no ano de 2019 por iniciativa dos serviços técnicos de cultura do município.

60 Fernandes, P. A., *História De Um Caminho. Um Caminho Na História*, Portugal, Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, Comunidade Intermunicipal do Ave, Comunidade Intermunicipal do Cávado, Comunidade Intermunicipal do Douro e Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa, 2021, p.15.

61 O traçado para a Estrada da Companhia do Alto Douro teve início em 1789 e as obras iniciaram 1 ano depois, sob a responsabilidade do engenheiro militar francês Joseph Auffdieneer. Sobre este assunto ver: Fernandes, P. A., *História de um Caminho...*, *op. cit.*, p. 137.

No lugar de Pinheiro, o itinerário segue pelas povoações de Costa, Penalta e Rio Mau até ao Mosteiro de Telões. Do mosteiro e subindo às povoações de Forcado e Castanheiro Redondo, chega-se ao concelho de Felgueiras.

A partir de Felgueiras a rota prossegue por Guimarães, Braga e Ponte de Lima, onde entronca no itinerário do Caminho Central Português e, num tramo comum, dirige-se pelas localidades de Valença, Tui, Redondela, Ponte de Lima, Caldas de Reis, Padrão e Santiago de Compostela.

Para a definição do percurso com 28 km em Amarante, foram tidas em consideração as referências históricas, desde que coadunadas com a praticabilidade e a segurança do itinerário. Serve de exemplo, na margem esquerda do Tâmega, a opção pela Estrada Pombalina em detrimento de uma alternativa de aparente utilização medieval.

6. *Património Jacobeu no Concelho de Amarante*

Na extensão do troço do Caminho de Santiago assinalado em Amarante, múltiplas são as referências ou alusões à passagem e à frequência de viajantes e peregrinos.

Assim em Carneiro, próximo ao limite sueste do concelho, encontra-se o topónimo Albergaria que denuncia o edifício de uma antiga estalagem que remete para o séc. XVIII, contemporâneo à construção da Estrada da Companhia (atual Estrada Pombalina). Neste edifício, para além de uma construção com dois pisos, sendo o térreo destinado aos animais e o superior à pernoita dos viajantes, pode ainda ver-se um fontanário com tanque e bebedouro para os animais de carga, nomeadamente, equídeos, bovinos e asininos.

Em Bustelo, por exemplo, surge o topónimo Venda que por sua vez assinala um local, onde os viajantes podiam adquirir mantimentos ou obter uma refeição quente.

Em Gondar, forma-se um pequeno aglomerado urbano, em resultado da passagem e da frequência de muitos forasteiros que justificam a realização de três feiras anuais, no séc. XVIII, como se depreende pela seguinte descrição retirada das memórias paroquiais: «Por esta freguesia passa huma estrada de Nascente ao Poente. Hé tão povoada de passageiros pedestres e equestres que com eles se comonica não só o nosso Reino, mas também toda Castella Velha e Nova com todas suas províncias reinos e asseçorias, mas também a França e Itália e toda a Palestina e Roma»⁶².

Também em Padronelo existem algumas evidências da passagem de viajantes, a primeira e talvez a mais evidente, é o topónimo Padronelo que remete para um padrão que poderá estar relacionado com um pressuposto marco miliário. A segunda será um conjunto habitacional, no lugar de Ferro que aparentemente poderá corresponder a

62 Capela, J. V. e Borralheiro, R., *As Freguesias do Distrito do Porto, nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga, Edição dos Autores, 2009, p. 163.



Fig. 5: Retábulo de São Tiago na Igreja de São Gonçalo de Amarante, imagem do Séc. XVII e retábulo do Séc. XVIII (foto: Câmara Municipal de Amarante).

uma antiga estalagem de Época Moderna, em tudo semelhante ao edifício da Estalagem de Carneiro. E por último, a Torre de D. Loba, atribuída a D. Lupa Gundar (D. Loba Gondar) que, por sua vez, e talvez por assimilação cultural, se encontra associada a uma lenda de cariz jacobeu, neste caso à *Lenda dos Bois de D. Loba* que apenas se distingue nos intervenientes e nos propósitos (Fig. 5).

Enquanto que na lenda galega, os discípulos de São Tiago (Teodoro e Atanásio) pedem a D. Loba, dois bois para transportar o féretro com o corpo do Apóstolo⁶³, na lenda amarantina, os bois são requisitados por São Gonçalo, para o transporte da pedra que iria utilizar na a construção da ponte⁶⁴.

63 Almeida, L. de e Homem Cardoso, A., *O Caminho Português de Santiago*, Cascais, Lucerna, 2005, p. 16.

64 Patrício, A., *Lendas de S. Gonçalo e de Amarante*, Amarante, Paróquia de São Gonçalo, Amarante, 2009, pp. 29-30.

Na cidade de Amarante, os elementos ou as referências históricas ao Caminho de Santiago tornam-se mais evidentes, designadamente, as albergarias; a instalação de Cavaleiros da Ordem do Hospital; as devoções a São Gonçalo, a São Tiago e à Sagrada Família (no Regresso do Egipto), bem como o cruzeiro biface da antiga Ponte de Amarante.

Pelo acima disposto, o fluxo constante de viajantes e peregrinos em Amarante terá justificado a instituição de duas albergarias, uma de provável iniciativa régia, a Albergaria do Covelo do Tâmega, e outra de iniciativa local, a Albergaria de Amarante. As duas instituições tinham a particularidade de se encontrar localizadas nas principais vias, junto às entradas no burgo.

No séc. XVII a Albergaria do Covelo passa para a administração da Misericórdia e a de Amarante fica dotada ao abandono, desafeta que estava das suas funções, pelo menos, desde a centúria anterior. No entanto, a antiga capela da albergaria, dedicada a Santo Estêvão, anexa à gafaria e Capela de São Lázaro também transita para a posse da irmandade. Sabe-se ainda que nesta capela existia uma imagem de Nossa Senhora do Pilar⁶⁵.

Constata-se também que a Misericórdia, ao longo da Época Moderna, acolhe cada vez mais peregrinos de São Gonçalo, em detrimento dos de Santiago que se tornam residuais. Esta afluência, acrescida da frequente necessidade em prestar assistência aos doentes, órfãos, viúvas e mendigos, são um dos principais argumentos para a transferência das velhas instituições medievais para a sua posse. Nesta transação estavam incluídos os respetivos rendimentos⁶⁶.

Outro indicador é a fixação da Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta.

Estabelecida em Amarante, pelo menos desde meados do séc. XII, esta Ordem militar, fruto das doações dos Sousões⁶⁷, ter-se-á instalado entre a Gafaria de São Lázaro e o lugar de Santa Luzia. Entretanto em 1303, a Comenda do Hospital em Amarante é transferida do lugar da Granja (junto à Estrada do Porto)⁶⁸ para a Igreja de Santa Maria de Fregim. Como memória da permanência em Amarante, ficou a designação de Rua da Ordem (atual Carlos Amarante), precisamente o troço da via que antecede o entroncamento das antigas estradas do Porto e de Guimarães.

Sendo Amarante local de passagem e de afluência de muitos viajantes, não será de estranhar a fixação de uma Comenda da Ordem do Hospital, atendendo aos seus

65 Silveira, J. A., *Misericórdia de Amarante...*, *op. cit.*, p. 41.

66 Lopes, M. J. Q., *Misericórdia de Amarante Contribuição para o seu Estudo*, Amarante, Santa Casa da Misericórdia de Amarante, 2005, p. 52.

67 Marreiros, R., "O Senhorio da Ordem do Hospital em Amarante (Sécs. XIII – XIV), Sua Organização Administrativa e Judicial", em *Separata de Estudos Medievais*, n.º 5/6 (1984/85) Porto, pp. 7-8.

68 Como espaço religioso, os cavaleiros hospitalários, eram detentores de um quinhão da Igreja de São Veríssimo, doado por D. Mendo de Sousa. Marreiros, R., "O Senhorio da Ordem do Hospital...", *op. cit.*

princípios basilares, no que concerne à proteção dos lugares santos, à assistência social e aos cuidados de saúde⁶⁹.

Na Igreja de São Gonçalo pode ver-se, de frente para a porta lateral, a Capela de São Tiago. A invocação desta capela com o respetivo retábulo teve origem na ermida medieval de Santa Maria (que passou à invocação de São Gonçalo) e que transitou para a nova igreja, mediante acordo dos frades de São Domingos com Francisco Cerqueira Coelho, cavaleiro da Ordem de Santiago, no ano de 1564. Este acordo teve subjacente a necessidade de demolir o primitivo templo para, no seu lugar, se poder construir a capela-mor da nova igreja conventual⁷⁰.

Esta existência de origem medieval, associada à Ordem Militar de Santiago, denota a antiguidade da devoção ao Apóstolo e constituirá um símbolo da passagem e frequência de peregrinos compostelanos, à qual não terá sido um mero acaso, a sua localização de frente para a porta que se encontrava aberta diariamente até ao recente restauro da igreja, porta essa que para além de ser a mais sumptuosa, é a que está voltada para a principal praça da cidade de Amarante.

Na Igreja de São Pedro, os símbolos jacobeus também são evidentes, embora se deva ter em consideração o gosto estético da época que com frequência utiliza motivos concheados nos elementos arquitetónicos. A título de exemplo, na fachada-torre da igreja datada de 1727, pode ver-se uma vieira que constitui a chave do vão, em arco de volta perfeita da ventana norte, para os sinos.

No seu interior, pertencente a um dos retábulos, as imagens da Sagrada Família regressada do Egito. Este conjunto escultórico do séc. XVIII apresenta as figuras calçando botas e ostentando bordões na mão. O Menino Jesus tem ainda a particularidade de vestir uma esclavina (Fig. 6).

Embora se esteja perante uma representação da Sagrada Família ou de um episódio da infância de Jesus Cristo, esta devoção, merece uma especial atenção, numa perspetiva espiritual, para todos os viajantes, peregrinos e migrantes.

Por sua vez, na sacristia da mesma igreja, encontra-se um Apostolado constituído por 6 telas alusivas aos 12 Apóstolos de Jesus Cristo, datadas dos finais do séc. XVIII ou dos inícios do séc. XIX e numa das telas, S. Tiago, ostentando, um bordão, uma cabaça, uma bolsa e esclavina com 2 vieiras.

Por último, a escultura biface do cruzeiro da antiga ponte medieval de Amarante. Esta escultura do séc. XIV que, outrora se encontrava no meio do tabuleiro da antiga *Ponte d'Amarante*, representa de um lado Cristo Crucificado e do outro Nossa Senhora da Piedade⁷¹. Embora não lhe sejam conotadas diretamente simbologias

69 Henriques, T., *Os Hospitalários nos Caminhos de Santiago: o Caso da Assistência no Norte de Portugal*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (sem data). Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15239.pdf>, às 17:02 de 17 de outubro de 2024.

70 Ribeiro, D., "Para uma História do Convento de São Gonçalo...", *op. cit.*, p. 189.

71 O original desta imagem foi retirado da antiga Ponte de Amarante em 1762, poucas horas antes da sua derrocada, aquando de uma cheia do Tâmega e colocado numa das janelas da Igreja de São Gonçalo, voltada



Fig. 6: Sagrada Família no Regresso do Desterro. Séc. XVIII. Igreja de São Pedro de Amarante (foto: Câmara Municipal de Amarante).

jacobeias, esta tipologia de cruzeiros é frequente na Galiza, ao longo dos Caminhos de Santiago, e são-lhes atribuídas propriedades taumatúrgicas, à luz da ideologia medieval, protetoras dos caminhos, das pontes ou mesmo das travessias. São, à semelhança das alminhas, elementos expiatórios dos pecados das almas do purgatório que, pela oração dos transeuntes, podem alcançar o Paraíso.

Saindo da cidade, pela antiga Estrada de Guimarães, o peregrino poderia encontrar apoio nos Mosteiros de Santo André de Telões ou do Divino Salvador de Freixo de Baixo.

Correspondendo o primeiro a um cenóbio, a crer na memória local, de origem familiar fundado no séc. IX, por iniciativa de D. Rodrigo Froiaz; e o segundo, à Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, instituído nos inícios do séc. XII, por iniciativa de D. Gotinha Godins.

Há ainda nestas localidades a remota tradição de uma via cujo troço, de lato modo, corresponde ao traçado da atual EN15 e que, por questões de segurança para o peregrino, se optou por definir um traçado paralelo, por Telões.

para a ponte. Atualmente a escultura original pode ser vista no Museu Paroquial de Arte Sacra de Amarante. Na janela, em substituição foi colocada uma réplica.

Ambas as igrejas são precedidas de uma galilé que, para além de albergarem túmulos, poderiam ser utilizadas por peregrinos para abrigo ou pernoita.

7. A Sinalética Adotada

A sinalização adotada pelo Município de Amarante obedece às normas definidas pelo Conselho da Europa e pela legislação nacional em vigor e organiza-se por sinalização direcional, complementar e informativa.

A sinalização direcional é constituída por placas com prumo em HPL de fundo azul com seta e vieira estilizada a amarelo. No Centro Histórico de Amarante as placas foram substituídas por uma vieira apontada em latão cravada ao chão.

Há ainda locais onde os peregrinos a cavalo ou de bicicleta, por questões de regulamentação do trânsito ou de desnível (escadas, por exemplo), terão de efetuar um percurso alternativo. Para o efeito, foi colocada sinalização apropriada com dístico de peregrino em bicicleta ou cavalo com vieira estilizada e seta direcional a amarelo sob fundo azul.

À entrada e à saída do concelho de Amarante, designadamente em Carneiro e em Castanheiro Redondo (Telões) foram colocadas duas estruturas informativas (vulgo MUPIS), onde o peregrino, para além das mensagens de boas-vindas ou de despedida, tem acesso a uma vista geral do percurso sobre o território amarantino, aos pontos de interesse, aos locais de pernoita e de restauração, bem como a contactos telefónicos pertinentes.

Por sua vez, a sinalização complementar, destinada a condutores de veículos automóveis, tem por objetivo informar que a via pública é cruzada por uma rota de peregrinação ou que é utilizada por peregrinos. No caso dos peregrinos, estes encontram sinalização informativa da aproximação a estrada nacional.

Conclusão

Se ao longo da Idade Média, o Caminho de Santiago se converte num polo agregador e difusor de Cultura, Arte e Património, capaz de unir os povos europeus, a Época Moderna traz consigo várias situações que vão gradualmente atenuar as peregrinações e culminam, na Época Contemporânea, praticamente como um resquício de uma memória.

Esta situação terá sido causada pelas constantes tentativas de assalto à costa galega e à Catedral de Santiago desencadeadas por corsários. Tal situação faz com que o arcebispo esconda os santos despojos do apóstolo, juntamente com mais alguns tesouros da catedral. Em 1879, em resultado de escavações arqueológicas, as relíquias são reencontradas e timidamente a devoção jacobea volta a ganhar impulso.



Fig. 7: Painel informativo do Caminho de Santiago em Amarante (foto: Câmara Municipal de Amarante).

Também os múltiplos conflitos entre os reinos ibéricos (na Época Moderna) e os novos padrões culturais da sociedade contemporânea acabariam por dissuadir os poucos peregrinos que encetavam a peregrinação jacobea.

Esta situação só seria revertida, a partir de meados do séc. XX, com a demarcação dos Caminhos de Santiago e de toda a ação de valorização e de promoção desenvolvida a partir daí, traduzida no número de peregrinos em constante crescimento, somente desacelerado nos anos afetados pela pandemia do Sars-CoV.2.

Em Amarante, não se verificou um refrear das peregrinações, assistiu-se sim, a uma mudança nos destinos.

A partir da Época Moderna, poucos seriam os peregrinos de Santiago, mas eram cada vez mais, os peregrinos de São Gonçalo e ambos contribuíram, em muito, para a Cultura e Identidade local (Fig. 7).

Fecha de recepción / *Date of reception* / Data de recepción: 11-XI-2024

Fecha de aceptación / *Date of acceptance* / Data de aceptación: 13-VI-2025

Cómo citar este artículo / *How to cite this article* / Como citar este artigo: Soares Ribeiro, D. J., “Amarante nos caminhos de Santiago”, *Ad Limina. Revista de Investigación del Camino de Santiago y las peregrinaciones*, Vol. XVI-1 (2025), pp. 199-221, <http://dx.doi.org/10.61890/adlimina/16.1.2025/08>

Bibliografia:

Aires, A., *Barcos do Tâmega – Amarante*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2021, p. 234.

Alarcão, J. de, *A Lusitânia e a Galécia, Do Séc. II A. C. ao Séc. VI D. C.*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018, p. 238.

Almeida, A. H. C. L. de, *O Caminho Português de Santiago*, Cascais, Lucerna, 2005, p. 16.

Benevides, F. da F., *Rainhas de Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 2009 (Ed. Polycopiada), p. 101.

Capela, J. V. e Borralheiro, R., *As Freguesias do Distrito do Porto, nas Memórias Paroquiais de 1758*, Braga, Edição dos Autores, 2009, p. 163.

Cardoso, A., *S. Gonçalo de Amarante, Lenda e História, o seu Culto, Iconografia Amarantina, Exposição Biblio-iconográfica*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 1978, p. 12.

Costa, P. M. de C. P. da, “Os Hospitalários em Terras de Amarante (Séc. XIII – XVI)”, en *II Congresso Histórico de Amarante, Política, Sociedade e Cultura*, tomo III, volume I, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2009, pp. 241-242.

Cunha, A. de M. R. da, *S. Gonçalo de Amarante, Cónego da Colegiada de Guimarães?*, *Atas do I Congresso Histórico de Guimarães*, Volume V – *Sociedade, Administração, Cultura e Igreja em Portugal no Séc. XII*; Guimarães, Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho, 1996, pp. 185-186.

Cunha, A. de M. R. da, *S. Gonçalo de Amarante, Um vulto e um Culto*, Vila Nova de Gaia, Portugal, Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, 1996, pp. 49-71.

Dias, Lino Tavares, *Tongobriga*, Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico, 1997, pp. 319-322.

Fernandes, P. A., *História De Um Caminho Um Caminho Na História, Portugal*, Comunidade Intermunicipal do Alto Minho, Comunidade Intermunicipal do Ave, Comunidade Intermunicipal do Cávado, Comunidade Intermunicipal do Douro e Comunidade Intermunicipal do Tâmega e Sousa, 2021, p. 15.

Henriques, T., *Os Hospitalários nos Caminhos de Santiago: o Caso da Assistência no Norte de Portugal*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, (sem data) Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/15239.pdf>, às 17:02 de 17 de outubro de 2024.

Lopes, M. J. Q., *Misericórdia de Amarante Contribuição para o seu Estudo*, Amarante, Santa Casa da Misericórdia de Amarante, 2005, pp. 52-53.

Machado, A. de S., *Amarante Medieval*, Amarante, Edição do Autor, 1979, pp. 13-60.

Marreiros, R., “O Senhorio da Ordem do Hospital em Amarante (Sécs. XIII – XIV)”, *Sua Organização Administrativa e Judicial*, Porto, *Separata de Estudos Medievais*, n.º 5/6 (1984/85), pp. 7-8.

Mattoso, J., *Religião e Cultura na Idade Média Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997, pp. 121-122.

Monteiro, E., “Amarante/ Canaveses – Caminhos de Santiago”, en *Actas do I Congresso Histórico de Amarante, Igreja e Espiritualidade*, vol. II, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2000, p. 177.

Monteiro, A. A. M. G. e Teixeira, F., *Amarante Passado e Presente*, Amarante, Câmara Municipal de Amarante, 2016, p. 102.

Patrício, A., *Lendas de S. Gonçalo e de Amarante*, Amarante, Paróquia de São Gonçalo – Amarante, 2009, pp. 29-30.

Pinho, J. de, “Materiais para o Estudo do Povo Amarantino, A Albergaria do Covelo do Tâmega”, *Flôr do Tâmega*, n.º 2 443, ano 47 (29 de Outubro de 1933), Amarante, p. 1.

Pinho, J. de, “Materiais para o Estudo do Povo Amarantino, A Albergaria do Covelo do Tâmega”, *Flôr do Tâmega*, n.º 2 444, ano 47 (5 de Novembro de 1933), Amarante, p. 1.

Pinho, J. de, “Materiais para o Estudo do Povo Amarantino, A Albergaria do Covelo do Tâmega”, *Flôr do Tâmega*, n.º 2 445, ano 47 (12 de Novembro de 1933), Amarante, p. 1.

Quintales, L. e Gutiérrez, M. S., “Camino Torres”. 2024. <https://www.caminotorres.com/index.html>, (acedido em maio, 12, 2025, às 17:07 h.).

Ribeiro, D. J. S., “A Albergaria do Covelo do Tâmega no Contexto das Peregrinações a Santiago de Compostela Durante a Idade Média”, *Testemunhos*, n.º 2 (2010), Amarante, Círculo Lago Cerqueira, p. 36.

Ribeiro, D. J. S., *Mosteiro de Santa Clara de Amarante: História, Património e Museologia*, Amarante, Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, 2 volumes, 2011, p. 103.

Ribeiro, D. J. S., “Amarante na Idade Média: Povoamento e Desenvolvimento Económico-social”, *Arqueologia Medieval*, n.º 14 (2018), Mértola, Portugal, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 57-59.

Ribeiro, D. J. S., “Amarante no Contexto da Via do Marão na Época Romana”, en *Atas do I Colóquio Viário do Marão – Povoamento e Vias de Comunicação ao Longo da História*, vol. I, Vila Real, Câmara Municipal de Lousada, 2021, pp. 113-129.

Ribeiro, D. J. S., “Para uma História do Convento de São Gonçalo de Amarante”, *Oppidum*, ano 16, n.º 14 (2022), Lousada, Câmara Municipal de Lousada, pp. 189-190.

Saraiva, J. M. da C., *Livro dos Forais, Escrituras, Doações, Privilégios e Inquirições*, volume I, Lisboa, Arquivo Histórico do Ministério das Finanças, 1946, pp. 250-286.

Sardoeira, A., *A Antiga Ponte Fortificada de Amarante, Referências a Outras Pontes*, Amarante, Grupo dos Amigos da Biblioteca-Museu de Amarante, 1994, p. 8.

Silveira, J. A. da S. e Lopes, M. J. Q., *Misericórdia de Amarante Contribuição para o seu Estudo*, Amarante, Santa Casa da Misericórdia de Amarante, 2009, p. 41.

Sousa, F. L. de, *História de São Domingos*, volume 2, Porto, Lello e Irmão Editores, 1977, pp. 168-179.

Sousa, I. C. de, “A Infância de S. Gonçalo de Amarante”, *Entremuros*, 1 (1990), Amarante, Grupo dos Amigos da Biblioteca Museu Municipal de Amarante, p. 54.